



**UNIVERSIDADE  
FERNANDO  
PESSOA**

## **ENTRE POLÍTICA E INVESTIGAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CHEGA E O OLHAR DE MIGUEL CARVALHO**

Between Politics and Investigation: The Construction of Chega and Miguel Carvalho's  
Perspective

Projeto de Graduação

1º Ciclo de Estudos, Ciência Política e Relações Internacionais

Bárbara Gomes da Silva

Orientador:

Prof.º Rui António Nogueira Gonçalves Estrada

Janeiro, 2026



**ENTRE POLÍTICA E INVESTIGAÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO CHEGA E O  
OLHAR DE MIGUEL CARVALHO**

Between Politics and Investigation: The Construction of Chega and Miguel Carvalho's  
Perspective

Projeto de Graduação  
Ciência Política e Relações Internacionais – Projeto de Graduação

Bárbara Gomes da Silva

Orientador:

Prof.º Rui António Nogueira Gonçalves Estrada

Janeiro, 2026



## **Agradecimentos**

Primeiramente quero agradecer ao Professor Rui Estrada, orientador deste projeto, pela orientação, disponibilidade e apoio ao longo deste trabalho.

Agradeço à Universidade Fernando Pessoa, professores e colegas, que com dedicação e partilha de conhecimentos, orientaram-me ao longo desta jornada e contribuíram para a construção do meu percurso académico.

Por fim, agradeço à minha família pelo apoio incondicional, paciência e incentivo, que foram fundamentais para que eu pudesse chegar aqui.



## Resumo

Neste projeto de Graduação, com base na obra de pesquisa *Por Dentro do Chega*, escrita por Miguel Carvalho (2025), que se fundamenta em milhares de documentos inéditos e entrevistas exclusivas com fundadores, dirigentes, ex-dirigentes, militantes e ex-militantes do partido, assim como com antigos integrantes da sua estrutura, são analisadas as dinâmicas internas do partido Chega, incluindo laços com nostalgias salazaristas, financiamento opaco, contradições programáticas e táticas de polarização e manipulação da mídia.

O trabalho evidencia ainda a forma como o Chega capitaliza o descontentamento social e a desconfiança nas instituições, contribuindo para a fragmentação do sistema partidário e para o agravamento da polarização política em Portugal. Particular destaque é dado à crescente influência do partido junto dos jovens, através do uso intensivo de plataformas digitais como o *TikTok*, com protagonismo de figuras como Rita Matias e a inspiração em modelos internacionais de populismo de direita radical, como Javier Milei.

Conclui-se, assim, que o Chega constitui um caso paradigmático do populismo de direita radical contemporâneo em Portugal, cujas origens, estratégias comunicacionais e impactos colocam desafios significativos à qualidade da democracia, tornando necessárias respostas estruturais ao mal-estar social, à precariedade e à disseminação da desinformação no espaço digital.

**Palavras-chave:** Chega, populismo, André Ventura, extrema-direita, redes sociais, polarização política

## **Abstract**

In this Graduation Project, based on the research work *Por Dentro do Chega* by Miguel Carvalho (2025), which draws on thousands of unpublished documents and exclusive interviews with the party's founders, leaders, former leaders, militants, former militants, and past members of its organizational structure, the internal dynamics of the Chega party are examined. These include links to Salazarist nostalgia, opaque financing, programmatic contradictions, and tactics of polarization and media manipulation.

The study further highlights how Chega capitalizes on social discontent and distrust in institutions, contributing to the fragmentation of the party system and the intensification of political polarization in Portugal. Particular attention is given to the party's growing influence among young people, achieved through the intensive use of digital platforms such as TikTok, with prominent figures like Rita Matias, as well as inspiration drawn from international models of radical right populism, such as Javier Milei.

It is thus concluded that Chega constitutes a paradigmatic case of contemporary radical right populism in Portugal, whose origins, communication strategies, and political impacts pose significant challenges to the quality of democracy. This situation underscores the need for structural responses to social malaise, precarity, and the spread of disinformation in the digital sphere.

**Keywords:** Chega, populism, André Ventura, far-right, social media, political polarization.

## Índice Geral

LISTA DE SIGLAS.....	XIII
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	5
3. SALAZAR.....	6
3.1 O Chega e as Sombras.....	6
3.2 A Cor do Dinheiro.....	7
3.3 Programa? Qual Programa.....	8
4. OS INIMIGOS DO POVO.....	10
4.1 O Salvador da Pátria.....	11
4.2 Uma Campanha à Trump.....	11
4.3 Ameaças e intimidações.....	12
4.4 Eu, Agente Infiltrado.....	12
4.5 Temos de jogar baixo.....	13
5. FUTURO, AGORA.....	14
5.1 E o Chega entrou nas aulas.....	15
5.2 Ritas, Mileis e <i>TikTok</i> .....	15
5.3 A extrema-direita é <i>cool</i> ?.....	16
5.4 2025 e depois?.....	17
6. CONCLUSÃO.....	19
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	20

## **Lista de Siglas**

**PSD** – Partido Social Democrata

**PS** – Partido Socialista

**CDS** – Partido Popular (Centro Democrático e Social)

**ELP** – Exército de Libertação Portuguesa



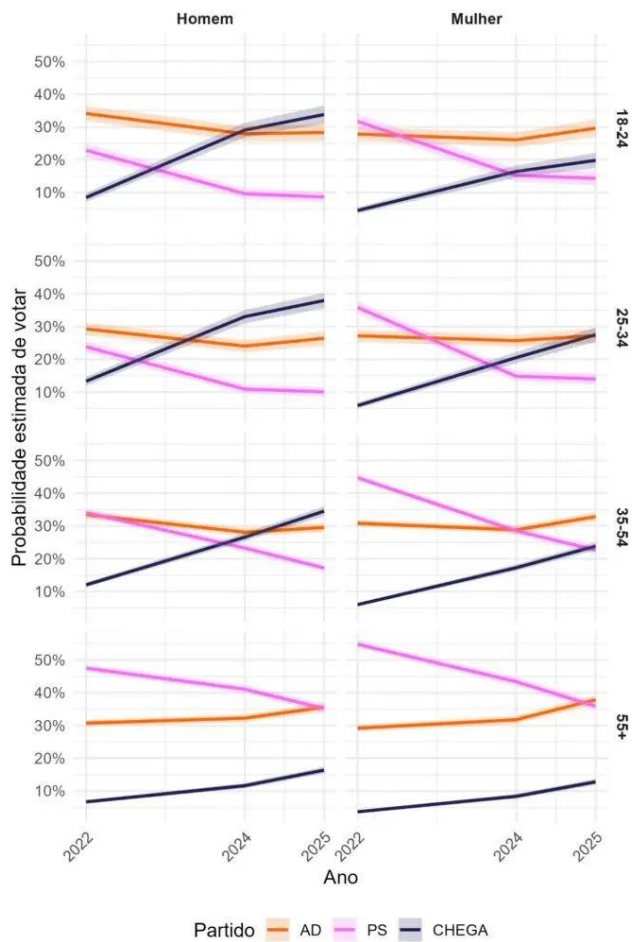
## 1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o sistema político português tem se caracterizado por uma relativa estabilidade partidária, assente sobretudo na alternância governativa entre o Partido Socialista e o Partido Social Democrata. No entanto, esse equilíbrio começou a ser progressivamente questionado com o surgimento de novas forças políticas que procuraram capitalizar o descontentamento de setores da população face ao funcionamento das instituições, à atuação dos partidos tradicionais e à percepção de afastamento entre representantes e representados. É neste contexto de transformação e contestação do sistema partidário que emerge o partido Chega, cuja trajetória representa uma das mudanças mais significativas na política portuguesa recente.

Fundado em abril de 2019, o Chega surgiu na sequência de uma cisão com o PSD, protagonizada por André Ventura, cujo discurso gerou descontentamento no partido, o que levou à sua saída. Desde o início, o Chega apresentou-se como uma alternativa ao que designa como o “sistema político tradicional”, adotando um discurso fortemente crítico do politicamente correto e da atuação das elites políticas. A sua chegada ao Parlamento, ainda em 2019, marcou um ponto de viragem simbólico de rutura com o padrão partidário até então dominante, criando oportunidades para novas dinâmicas de polarização política e para um debate público mais exigente.

A ascensão do Chega resulta, em grande medida, da centralidade da sua liderança. André Ventura desempenha um papel importante na construção da identidade partidária, tanto a nível do discurso como da estratégia política e comunicacional. O partido caracteriza-se por uma forte personalização em torno do seu líder, fenómeno que se reflete na organização interna, na definição de prioridades políticas e na forma como comunica com os seus apoiantes. O foco em André Ventura deu maior destaque ao Chega nas redes sociais e ajudou a atrair votos, tornando impossível separar a imagem do líder da identidade do partido.

Segundo o estudo “*As bases sociais do novo sistema partidário português 2022-2025*”<sup>1</sup>, da autoria de Pedro Magalhães e João Cancela<sup>2</sup>, o Chega domina no eleitorado masculino: consolidou a sua popularidade entre os homens nas eleições deste ano, reafirmando a liderança que já detinha em 2024 junto do eleitorado masculino com menos de 35 anos. (Imagem do gráfico)



<sup>1</sup> Cf. <https://sicnoticias.pt/especiais/eleicoes-legislativas/2025-05-23-retrato-do-eleitorado-chega-vence-entre-os-homens-ate-aos-55-anos-ad-faz-as-pazes-com-os-pensionistas-302f6d08>

<sup>2</sup> Cientistas políticos ligados ao meio académico

Desde a fundação, o Chega usa uma retórica direta e polémica sobre imigração, segurança, corrupção e valores conservadores, temas negligenciados pelos partidos tradicionais, para atrair eleitores desiludidos e posicionar-se como voz do “povo” contra as elites. Recorre intensivamente às redes sociais como principal canal, alcançando públicos amplos e evitando os media tradicionais.

Em apenas seis anos, o partido passou de presença simbólica para uma das principais forças políticas, com papel central na oposição e influência no debate. O crescimento resulta de estratégias eficazes de comunicação e do descontentamento popular com as elites.

A presença do Chega no Parlamento português gerou impactos significativos no sistema político. A sua postura intensificou a polarização do debate parlamentar, introduzindo temas e discursos antes marginais ou inexistentes no espaço institucional. Obrigou os partidos tradicionais, especialmente os da direita, a reajustarem estratégias e discursos, alterando o equilíbrio interno do sistema partidário. Esta evolução reflete uma transformação estrutural: enfraquecimento do bipartidarismo (PS-PSD) e crescente fragmentação política, com o Chega a consolidar-se como terceira força relevante.

Além do impacto institucional, o partido destacou-se em polémicas mediáticas recorrentes, confrontos parlamentares, declarações controversas sobre racismo, imigração e gestão interna, o que reforçou a sua visibilidade pública. Apesar das críticas, estas situações alimentaram a estratégia de afirmação do Chega, mantendo-o na agenda mediática e projetando-o como força provocadora. O estudo do Chega é assim essencial para compreender as transformações recentes da política portuguesa, incluindo o populismo, a personalização da liderança, o uso estratégico da comunicação política e o papel do descontentamento social no voto. Representa um caso paradigmático de como novas forças conseguem emergir e consolidar-se em democracias estáveis.

Para este efeito, além da contextualização do surgimento deste partido no panorama político em Portugal, forçar-nos-emos em alguns pontos do recente livro de Miguel Carvalho intitulado *Por Dentro do Chega*, procurando enquadrar a sua análise no contexto mais amplo das dinâmicas internas do partido.



## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*Por Dentro do Chega – A face oculta da extrema-direita em Portugal*, do jornalista Miguel Carvalho, publicado em setembro de 2025, é um livro que resultou de um trabalho investigativo que se estendeu por cerca de 5 anos, desde os primeiros passos do Chega após a sua fundação até à sua consolidação como segunda maior força parlamentar em 2025. Miguel Carvalho, nascido no Porto em 1970, é um jornalista português com uma extensa trajetória na imprensa nacional. Trabalhou em órgãos como o *Diário de Notícias*, no semanário *O Independente* e, por muitos anos, na revista *Visão*. Ao longo da sua carreira, Miguel Carvalho recebeu vários prémios no campo do jornalismo, como o *Prémio Gazeta de Imprensa* e o *Prémio Jornalismo de Excelência Vicente Jorge Silva*. Para além disso, é autor de várias obras que abordam temas históricos e políticos, evidenciando um padrão de pesquisa detalhada sobre questões essenciais para a compreensão da sociedade portuguesa contemporânea. *Por Dentro do Chega* surge, assim, não apenas como uma reportagem jornalística, mas como uma análise minuciosa fundamentada em milhares de documentos inéditos e em várias entrevistas exclusivas com fundadores, dirigentes, ex-dirigentes, militantes e ex-militantes do partido. Através dessa ampla base empírica, o autor tem como objetivo expor os bastidores, as contradições e as dinâmicas de poder internas que formaram o Chega, abrangendo aspetos como financiamento, conexões internacionais, estratégias de comunicação e os métodos utilizados para atrair eleitores de outras tradições partidárias. A obra, que conta com mais de 750 páginas, apresenta uma leitura crítica e aprofundada das práticas políticas do Chega, questionando como um movimento inicialmente periférico, estabelecido como um discurso de rutura e contestação ao sistema, transformou-se numa força política polarizadora e progressivamente institucionalizada. Tendo em conta a extensão analítica da obra, focar-nos-emos numa análise seletiva de três capítulos considerados particularmente relevantes para os objetivos do estudo: “*Salazar 2.0*”, “*Os inimigos do povo*” e “*Futuro, Agora*”, pois permitem uma abordagem mais específica e detalhada das dimensões ideológicas.

### 3. Salazar 2.0

O capítulo “*Salazar 2.0*” analisa o partido Chega e o seu líder André Ventura no contexto do populismo moderno, com ligações ao legado do Estado Novo em Portugal. O populismo é definido não como uma ideologia substancial, mas como estilo político que exalta o “povo” contra as “elites” e o “sistema”. Segundo Enzo Traverso, historiador e professor de Ciência Política, “para André Ventura, populismo nunca foi substância, mas adjetivo. Trata-se, no princípio e no fim, de um estilo político, não de ideologia” (p.176). O cientista político italiano Marco Revelli complementa esta visão ao definir “populismo 2.0” como um “projeto político ambientado no digital que usa efeitos em rede para crescer, engajar e gerar mudanças” (p.176). Marco Revelli chama-lhe a “doença senil” da democracia liberal, uma “revolta dos incluídos” que acabaram marginalizados (p.176). Partidos populistas jogam a “carta da normalidade”, apresentando-se como transformadores do sistema de dentro, mas pretendendo mais: “Na verdade, porém, pretendem muito mais do que isso” (p.176).

#### 3.1 O Chega e as Sombras

Miguel Carvalho enquadra o Chega como herdeiro de nostalgias salazaristas, com referências a Ventura como “fascista do século XXI, espécie de Salazar em Estado Novo” (p.177). Durante a pré-campanha para as legislativas de 2019, saudosistas do ditador atraíram-se pelo partido, como Pedro Pessanha<sup>3</sup>, que assinalou o 25 de abril com uma imagem do ditador no seu perfil de Facebook com a frase: “Volta, Salazar, que estás perdoado! Mas há aqui um pequeno-grande pormenor: perdoar de quê? Tenho dito. A bem da nação” (p.177). Pedro Pessanha, expulso do CDS e eleito deputado pelo Chega em 2022, 2024 e 2025, representa a simbiose entre direita radical e salazarismo. “Como os textos fundacionais assinalavam, o Chega não pedia desculpa pelas trevas da História de Portugal, nem jamais permitirá que alguém peça” (p.178). Miguel Carvalho dá como exemplos o massacre de Wiriamu em Moçambique (1972), onde tropas portuguesas assassinaram 385 pessoas sob ordens de “Abater tudo o que se mexe, não deixar ninguém vivo, limpar a zona”, eram as ordens superiores (p.178). António Mucharreira<sup>4</sup> negou o

---

<sup>3</sup> Político português com funções de deputado à Assembleia da República e Presidente da Comissão Política distrital de Lisboa do CHEGA

<sup>4</sup> Empresário e dirigente do Chega em Torres Vedras

massacre em congresso: “Está aqui tudo explicado, não houve massacre” (p.178). António de Melo, que liderou as tropas responsáveis pela chacina de Wiriamu, doou 200 euros ao partido e justificou: “Quando se mata pessoas, é um ato terrível, mas eu não posso deixar de pensar que isto foi feito num teatro de guerra, não é?” (p.179). Ventura reforça esta visão no *Twitter* em 2020: “Tenho orgulho na nossa História e na colonização portuguesa, (em) tudo o que ensinámos aos outros povos” (p.179). Em janeiro de 2023, o jornal do partido, *Folha Nacional*, publicou um “ensaio” sobre a Guerra Colonial, “o Chega usou o termo “Guerra do Ultramar” e chamou “terroristas” aos combatentes dos movimentos de libertação” (p.179). Este capítulo destaca como legados autoritários sustentam populismos modernos, com apoiantes como Amílcar Ferreira<sup>5</sup>, que elogia Salazar: “A história o julgará, não esta corja de gatunos e assassinos que a abrilada fabricou!” (p.180).

### 3.2 A Cor do Dinheiro

O uso das redes é um motor do “Populismo 2.0”. Ventura entrou no *Twitter* em 2019, gerido por uma ex-aluna: “És a única pessoa em quem confio” (p.182). Ele priorizava o exagerado: “Tem que ser...Não é que pense isso, mas vai gerar conteúdo, controvérsia, partilhas” (p.183). Jaime Nogueira Pinto<sup>6</sup> deu-lhe a mão: “Introduziu-o em certos núcleos, apresentou-lhe pessoas” e foi ele que lhe falou de Matteo Salvini<sup>7</sup>: “Foi o Jaime que primeiro lhe falou do Matteo Salvini, num jantar” (p.183). O financiamento do Chega é teoricamente enquadrado como uma rede de elites conservadoras e salazaristas, com doações de figuras ligadas ao Estado Novo: “Uns davam 2000 euros ou 3000 euros” (p.186). Salvador Posser de Andrade<sup>8</sup>, de família latifundiária, doou 7500 euros e facilitou contactos: “Posser de Andrade contribuiu com 7500 euros em quatro transferências” (p.187). Outros doadores incluem Miguel Sommer Champalimaud<sup>9</sup>, “esmerou-se: deu 10 mil euros” (p.182) e Luís Manuel Cordovil, do ELP, que recebeu pensão por serviços excepcionais: “..., o governo de Cavaco Silva concedeu-lhe uma pensão por serviços excepcionais e relevantes prestados ao país” (p.181). O setor imobiliário domina, com dirigentes como Pedro Pessanha em Lisboa, Jorge Pires no Porto, Rodrigo Freire em

---

<sup>5</sup> Jornalista e escritor português

<sup>6</sup> Politólogo, escritor e empresário português

<sup>7</sup> Vice primeiro-ministro de Itália

<sup>8</sup> Empresário e dirigente político português

<sup>9</sup> Empresário e gestor português, papel de fiador do partido

Leiria e Júlio Paixão em Portalegre: “...eram, então, todos líderes distritais com negócios na área” (p.185). Francisco Cruz Martins<sup>10</sup>, ligado ao escândalo dos *Panama Papers*, por causa de ligações a sociedades *offshore*, mas não parecia incomodá-lo: “Quando tive no estrangeiro, tive várias, era por causa dos negócios lá fora. Se fosse contribuinte em Portugal, tinha de declarar cá. Lá fora, não tinha. Não é nada de outro mundo. Tudo normal” (p.186). Nuno Afonso<sup>11</sup> confirma “O Posser ajudou nas questões do dinheiro, através dos amigos. E o Diogo Pacheco de Amorim<sup>12</sup> também, embora não tivesse onde cair morto. O Cruz Martins e o Anthony Stilwell também arranjam financiamento” (p.186). Em agosto de 2019, “começou a entrar no partido uma série de donativos, cujo fluxo se manteria até 17 de dezembro, com valores a rondar os 11 300 euros” (p.187). E o próprio André Ventura entregou 500 euros.

### 3.3 Programa? Qual Programa?

André Ventura prometeu “instaurar uma Ditadura” contra criminosos e imigrantes: “Quantos paquistaneses vão ter de cortar a cabeça a mais mulheres para percebermos o real perigo que esta vaga islâmica significa para a Europa? No dia em que a bandeira do Chega estiver hasteada em São Bento ganham um bilhete só de ida” (p.188). Rodrigo Freire, ex-dirigente, lembra: “O André pisava o risco porque era a forma de ser falado e notado” (p.189). “Em outubro de 2019, mês de legislativas, o Chega trabalhava à grande velocidade e as redes sociais davam-lhe asas”. Grupos no *Facebook* foram reaproveitados para cativar eleitores: “Um grupo privado do partido no *Facebook* registava mais de 10 mil membros nesta altura, mas a página mudou de pele várias vezes” (p.189). “A dias das eleições, as bandeiras e mensagens do Chega gritavam pelo país, em *outdoors*, *mupis* e cartazes” (p.190). O Chega orçamentou 150 mil euros para a campanha, mas disse ter gasto pouco mais de 25 mil euros. A poucas horas do final da campanha, as preocupações de Ventura eram outras: “Em quatro anos, se entrarmos na Assembleia da República, vamos engolir o CDS e, em oito anos, o PSD. Vamos ser o maior partido de Portugal” (p.191).

---

<sup>10</sup> Advogado português

<sup>11</sup> Antigo fundador e ex-militante do Chega

<sup>12</sup> Vice-Presidente da Assembleia da República de Portugal



## 4. Os “inimigos do povo”

O capítulo “Os *“inimigos do povo”* centra-se no partido Chega e no seu líder André Ventura no contexto de 2021, focando no crescimento financeiro, na campanha presidencial, em controvérsias internas e externas, na manipulação mediática e em estratégias de polarização. Nesse ano, o partido ultrapassou os 600 mil euros em receitas, com despesas relevantes em pessoal e na sede: “as receitas do primeiro ano completo de atividades superam os 600 mil euros. Quase 113 mil euros para gastos com pessoal. As despesas com a sede oficial..., rondaram os 30 mil euros (p.420). Surgiram tensões internas quando Ventura contratou um carro em regime de *renting* sem informar o conselho de auditoria, reagindo de forma autoritária às críticas, o que evidenciou um estilo de liderança centralizador e conflitos internos: “Olha lá, André, compraste um carro para o partido?”, questionou-o. “É *renting*”, explicou. “O conselho de auditoria não tem de saber?”, insistiu a advogada. “Sou presidente, posso comprar o que me apetecer, não vou pedir autorização para comprar uma mesa ou um carro”, respondeu Ventura, ríspido. “Aí isto já é por tua conta e risco? Apanhaste o partido feito e já é tudo teu?”, provocou-o ainda Fernanda. “Não tenho de te dar satisfações”, reagiu o líder, cortando a conversa (p.420). Nuno Afonso denuncia abusos: “almoços por largas dezenas, por vezes centenas, de euros à conta do Chega, estadias, refeições, aperitivos e digestivos todo o seu grupinho, pagos com o cartão do partido” (p.421). André Ventura dominou os primeiros debates televisivos: “Impunha os temas, gerava conflito, instigava o pandemónio no ecrã, a berraria” (p.421). A visita de Marine Le Pen custou 5600 euros e serviu para legitimidade: “As viagens de cinco elementos da comitiva... terão custado ao partido cerca de 5600 euros” (p. 421). “Ventura é um grito que vem do coração, um sinal do céu, capaz de secar as lágrimas do povo”, disse Marine Le Pen. O líder do Chega, André Ventura, tentou passar uma imagem “antirracista” na campanha na sede de candidatura de Bragança, anunciou a presença de dois elementos, Fátima Gomes e o sobrinho dela, Natanael André, ambos supostamente ciganos, como exemplo de inclusão. Fátima Gomes destacou que não se identifica com certos comportamentos da comunidade: “Sou completamente diferente. Embora seja da etnia, não me revejo nalgumas coisas da cultura e da vida deles”, e Natanael afirmou que todos deveriam trabalhar para o país progredir: “era preciso todos trabalharem, para o país andar para a frente” (p.422). Pouco depois, Fátima Gomes pediu desculpas nas redes sociais por ofensas involuntárias à comunidade: “Um

mal-entendido” (p.422), e Natanael revelou que não é cigano nem se identifica como tal. Ele disse ter sido levado à sede do partido à força, mas depois permaneceu voluntariamente. Também pediu desculpas à comunidade cigana e afirmou gostar apenas de estar com amigos, afastado da política: “Não quero ofender nenhum tipo de etnia. Não sou esse género de pessoa” (p.423).

#### **4.1 O salvador da pátria**

À saída do Auditório Charlot, André Ventura foi atingido por um objeto, projetado a partir de um grupo de manifestantes, do outro lado da rua. O *cameraman* filmou o arremesso de objetos: “Tenho um vídeo que mostra, perfeitamente, o lançamento de uma pedra” (p.423). Durante a campanha, comparou-se com o primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, tendo até visitado o seu túmulo, na Igreja de Santa Cruz (Coimbra): “Sou a voz do património dos portugueses de bem e trago comigo todas as histórias de Portugal” (p.425). “Se acham que é fascismo querer que os corruptos não voltem ao poder, então, sim, nós somos fascistas”, assumiu o próprio André Ventura, “o político mais ameaçado e perseguido desde o 25 de Abril”, palavras dele (p.425).

#### **4.2 Uma campanha à Trump**

“Até ao final da campanha presidencial de André Ventura, o Chega manteve-se na senda da manipulação, especulação e escândalo para capitalizar eleitorado. Os métodos eram *made in América*” (p.428). A 24 de janeiro de 2021, quase meio milhão de eleitores votou em André Ventura. Relativamente à campanha, o líder do Chega surpreendeu. “Estava à espera de um perfil populista próximo do que em tempos foi protagonizado por Marinho e Pinto<sup>13</sup>, mas Ventura revelou-se mais extremista do que nunca”, disse a politóloga Marina Costa Lobo. “Segundo um estudo do investigador Alexandre Afonso, da Universidade de Leiden (Países Baixos), Ventura teve mais votos nos municípios com maior percentagem de população cigana e de beneficiários de assistência social” (p.430).

---

<sup>13</sup> Advogado, jornalista e político

### 4.3 Ameaças e intimidações

A relação conflituosa do Chega com os jornalistas já existia antes da campanha presidencial de André Ventura. Entre dezembro de 2020 e janeiro de 2021, os jornalistas da SIC responsáveis pela reportagem “*A Grande Ilusão: O ódio saiu do armário*” foram alvo de insultos, assédio e ameaças *online*. Pedro Coelho<sup>14</sup> denunciou publicamente essa vaga intimidatória, que incluiu ameaças graves de violência física, analisadas pelo Instituto Internacional de Imprensa. Parte das mensagens mais violentas partiu de dois dirigentes do Chega, Luc Mombito e Nuno “Pit” Pontes, que em 2024 foram acusados pelo Ministério Público por crimes de ameaça agravada e atentado à liberdade de imprensa. “O ponto alto da hostilidade foi um jantar-comício em Braga, a 17 de janeiro de 2021, no qual Rui Paulo Sousa, diretor de campanha, instigou o clima: os nossos inimigos, os nossos adversários estão lá fora. Não estão todos lá fora, infelizmente. Alguns estão cá dentro. Seguiram-se insultos, ameaças, vaias e apupos dirigidos aos repórteres. Era vê-los mortos, ouviu-se. Se eu tiver de dar um tirinho, dou um tirinho, disse outro comensal” (p.432).

### 4.4 Eu, agente infiltrado

A 19 de fevereiro de 2021, André Ventura publicou no *Facebook* e no *Twitter* uma imagem do rosto de Miguel Carvalho com o seguinte título: “*Jornalista da Visão que fez reportagem sobre o Chega é comunista e escreveu biografia de Cunhal. O que poderíamos esperar?*” (p.434). O texto gerou 502 comentários e 549 partilhas no *Facebook* até dezembro de 2024, comentários esses bastante insultuosos para Miguel Carvalho. Um mês após as ameaças *online*, surgiu um documento interno de oito páginas, alegadamente ligado ao Chega, que tinha como alvos “*targets*” os jornalistas Pedro Coelho e Miguel Carvalho. O chamado “relatório” reunia acusações conspirativas e falsas, misturando mentiras com factos reais, numa tentativa de descredibilização pessoal e profissional. No caso de Pedro Coelho, o documento alegava ligações a serviços secretos, partidos políticos, fundações internacionais e ao financiamento ilícito, incluindo teorias delirantes sobre George Soros<sup>15</sup>, terrorismo internacional e acesso ilegal a sistemas do Chega. Quanto a Miguel Carvalho, o relatório atribuía-lhe relações próximas com

---

<sup>14</sup> Jornalista e Académico

<sup>15</sup> Bilionário, investidor e filantropo húngaro-americano

figuras políticas, acusações de espionagem ao serviço da Venezuela e de Cuba, tráfico de droga, uso de passaporte diplomático e recolha de informações pessoais sobre dirigentes do Chega. Incluía ainda insinuações sobre a sua orientação sexual e uma suposta relação íntima com Pedro Coelho. A autoria nunca foi identificada, embora o texto revele fraco domínio do português e mistura de línguas. O documento aparentemente nunca foi usado publicamente pelo Chega, permanecendo incerto se o objetivo seria difamar, circular internamente ou simplesmente provocar escárnio.

#### **4.5 Temos de jogar baixo**

Em poucos anos, o partido conseguiu transformar a interação online numa “doença infecciosa” (p.439), mesmo críticas e denúncias ajudaram a amplificar a sua propaganda, aumentando visibilidade, seguidores e probabilidade de voto. André Ventura reconhecia esse efeito, mas defendia uma presença digital mais profissional, defendendo uma atuação mais agressiva e omnipresente nas redes. O Chega beneficiou também de campanhas de desinformação externas, como a falsa notícia de uma ameaça de morte a Ventura, difundida por canais bolsonaristas brasileiros e posteriormente removida após investigação jornalística. Paralelamente, o partido procurou aproximações seletivas à imprensa e aos seus proprietários. Destaca-se a relação entre dirigentes do Chega, em especial Nuno Afonso, e o empresário Marco Galinha, então líder da *Global Media*. Embora Marco Galinha tenha negado proximidade com Ventura, surgiram pressões e conflitos, nomeadamente no caso de Mariana Mortágua: “Nuno deu o exemplo da deputada Mariana Mortágua, que, segundo ele, recebia mais de 5000 euros anuais pelas crónicas semanais. Vai deixar de receber, garantiu” (p.440). As direções editoriais resistiram a pressões, mas Mortágua acabou por abandonar a sua coluna no *Jornal de Notícias*, denunciando interferências da administração. Marco Galinha defendia posições políticas conservadoras, alinhadas com Trump e com a direita populista internacional, mantendo um discurso hostil à esquerda e aos sindicatos, convergente com a retórica e a estratégia política de André Ventura.

## 5. “Futuro, Agora”

O capítulo "*Futuro, Agora*" explora o ascenso do partido de direita Chega em Portugal, com foco na sua influência sobre os jovens, no contexto de uma democracia fragilizada. Pouco antes das eleições legislativas de 2024, filho de Miguel Carvalho com apenas 12 anos relatou três episódios perturbadores vividos na escola: colegas que elogiavam o partido Chega e defendiam a deportação de imigrantes; um caso prolongado de *bullying* racista e xenófobo contra uma aluna, só denunciado após meses de sofrimento e inicialmente desacreditado por alguns pais; e uma ofensa racista direta dirigida a outra aluna. O autor reconhece que estes episódios não são isolados, sendo confirmados por professores e pessoas de diferentes contextos educativos, incluindo relatos ainda mais graves, como estudantes que elogiam Hitler. “Muitas instituições e professores não estão a falhar, sei-o bem, e a escola pública do meu filho é um exemplo. O que falha, então?” (p.711). Após as legislativas de 11 de março de 2024, em que o Chega elegeu 48 deputados, a deputada Rita Matias publicou um vídeo no *TikTok* dirigido a estudantes. No vídeo, procura tranquilizar jovens que teriam sido alertados por professores para o crescimento da “extrema-direita”, negando que o Chega seja fascista ou de extrema-direita, argumentando que o partido é legal e constitucional: “O Chega não é um partido fascista. A Constituição da República Portuguesa proíbe o fascismo” (p.711). Apresenta o Chega como “radical” apenas no combate à corrupção e aos privilégios, e incentiva os jovens a desconfiar de fontes críticas, sobretudo de esquerda, defendendo que a versão correta é a do próprio partido: “Tens que escolher bem as tuas fontes e perceber onde é que queres beber a informação. Circulam por aí várias páginas que dizem que o Chega é um partido extremista, mas, na verdade, são páginas de esquerda. O melhor era mesmo acreditar na versão dos próprios. Se o Chega diz que não é extremista, se o Chega diz que não é fascista, não permitas que eles te atirem areia para os olhos e te tentem amedrontar” (p.711). Em janeiro de 2025, o vídeo acumulava centenas de milhares de visualizações e grande apoio nos comentários, refletindo a forte penetração da mensagem do Chega junto do público jovem e no espaço educativo.

### 5.1 E o Chega entrou nas aulas...

Mariana Lagarto<sup>16</sup> relata que, em 2021/2022, teve alunos do 12.º ano identificados com o Chega, defensores de uma visão glorificada do passado colonial, críticos do 25 de Abril e resistentes ao pensamento crítico, selecionando apenas fontes que confirmavam as suas crenças. Nos anos seguintes, a situação agravou-se, surgindo episódios de saudações nazis em contexto escolar: “Anos volvidos, Mariana Lagarto deixou de lidar de perto com alunos assim. Agora tem colegas a enfrentarem saudações nazis nas aulas” (p.712). A literacia mediática revela-se insuficiente face à influência das redes sociais, consideradas por muitos alunos como fonte principal de verdade: “Onde está a verdade? Para eles, nas redes sociais, admite a professora. Os produtores de conteúdos digitais são os “novos” jornalistas. A literacia mediática precisa de leitores, mas a primeira resposta é “não vejo notícias”, refere Paula Cruz. Todos querem provas, assinala, mas poucos querem o trabalho importante, mas muito menos visível, de pensar as notícias, de cruzar a mesma notícia em jornais diferentes” (p.714).

### 5.2 Ritas, Mileis e *TikTok*

Rita Matias destaca-se como uma das principais figuras do Chega nas redes sociais, sobretudo junto de jovens em escolas e universidades, onde atrai apoiantes, gera entusiasmo e beneficia da sua imagem jovem e carismática. A sua estratégia centra-se na promoção de André Ventura como uma “*superstar*” juvenil através do *TikTok*: “Queremos torná-lo uma *superstar* para os jovens, escolher boas músicas, frases certas, numa tentativa de massificar a sua imagem para que os jovens o reconheçam como exemplo” (p.716). Estudos de João Pinhal e Guilherme Pinto<sup>17</sup> mostram como *influencers* misóginos, como Numeiro, funcionam como amplificadores digitais do populismo do Chega, contribuindo para a radicalização juvenil. Rita Matias surge como peça-chave dessa estratégia, capaz de atrair jovens de diferentes estratos sociais. A sua inspiração em figuras internacionais como Javier Milei, eleito presidente da Argentina em novembro de 2023, revela afinidades com uma nova direita que domina os códigos digitais, recorrendo a um discurso satírico, agressivo e anti-sistema, apoiado por um ecossistema digital

---

<sup>16</sup> Professora e investigadora especializada em educação histórica e ciências da educação

<sup>17</sup> Alunos da licenciatura de Ciências da Comunicação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa

organizado e fortemente mobilizador do eleitorado jovem. “A exemplo de Milei, ícone da extrema-direita libertária, o partido também dominava o discurso satírico, trocista e agressivo” (p.718).

### 5.3 A extrema-direita é *cool*?

“O que é que os jovens veem no Chega?”, perguntava a Notícias *Magazine* em janeiro de 2024 (p.718). Muitos jovens que apoiam o Chega formam as suas opiniões com base em informações falsas ou perceções simplificadas sobre temas como imigração, minorias, identidade de género e misoginia. Um dos principais fatores de atração é a simplicidade do programa eleitoral, com linguagem direta e acessível, ajustada a um público que se informa sobretudo pelas redes sociais: “Li o programa eleitoral e gostei logo por ser muito simplificado, com poucas páginas e sem palavras caras”, dizia um desses jovens, ex-emigrante na Irlanda (p.719). Nelson Zagalo<sup>18</sup> alerta que os restantes partidos cometem um erro ao não disputarem o mesmo espaço digital, permitindo ao Chega dominar a viralização política entre os jovens: “Não vejo mais ninguém a tomar conta da arena e isso é muito perigoso” (p.719). Apesar de a maioria dos jovens portugueses valorizar o 25 de Abril e demonstrar satisfação com a democracia, são também um grupo relevante no crescimento da extrema-direita, fenómeno semelhante observado noutros países europeus. Essa mobilização assenta em campanhas digitais eficazes, linguagem humorística, líderes jovens e discursos de rutura com a política tradicional: “Segundo o estudo sobre a relação entre os portugueses e o 25 de abril (ICS-ISCTE), 73% das pessoas com idades entre os dezasseis e os trinta e quatro anos viam aspetos mais positivos na revolução<sup>19</sup>” (p.719). João Taborda da Gama<sup>20</sup> alerta ainda para o potencial futuro de liderança de Rita Matias e defende que o combate ao Chega deve centrar-se nas ideias, e não na demonização de eleitores ou dirigentes, para evitar o reforço do partido: “É preciso não deixar pessoas, causas e meios nas mãos do Chega, que os vai aproveitar. Devem ser combatidas as ideias, não as pessoas. Não demonizar os líderes ou deputados, não achincalhar os eleitores, escreveu” (p.720).

---

<sup>18</sup> Professor na Universidade de Aveiro na área dos novos *media*

<sup>19</sup> [https://sondagens-ics-ul.iscte-iul.pt/wp-content/uploads/2024/04/Estudo-ICS\\_ISCTE\\_25A.pdf](https://sondagens-ics-ul.iscte-iul.pt/wp-content/uploads/2024/04/Estudo-ICS_ISCTE_25A.pdf)

<sup>20</sup> Filho do ex-ministro socialista Jaime Gama, fiscalista, professor, advogado veterano na defesa da regulação da canábis

#### 5.4 2025 e depois?

Em 2025, respostas de alunos do 6.º ano revelaram a interiorização precoce de discursos de ódio, violência simbólica e propaganda política associada ao Chega e a André Ventura: “Encontrei um gato preto, nojento. Peguei nele e atirei-o ao rio. A seguir, apareceu o André Ventura e disse-me, és o homem com mais espírito do chega que eu já vi! Eu fiquei logo contente”; “Em um mundo em que todos têm afinidade com os animais, quem não tem afinidade é tratado igual a lixo. Mas não me importo. Os animais são coisas que nos fazem ganhar dinheiro no circo e nas touradas. Querem acabar com isto. Mas vamos limpar Portugal. Viva o André Ventura” (p.732). Após as legislativas de maio de 2025, o Chega dominou as redes sociais, sendo responsável pela maioria dos casos de desinformação política, sobretudo sobre imigração: “Quanto a André Ventura, continuava a ser o líder destacado nas plataformas digitais, tanto no alcance como na produção de conteúdos. Numa semana, teve 14,5 milhões de visualizações, se juntarmos o *Facebook* e o *Instagram*. No mesmo período, a maioria dos outros líderes políticos não chegou às 800 mil visualizações” (p.732). A estratégia do partido assenta no chamado ciberpopulismo: manipulação de conteúdos, difusão de sondagens falsas, ataques aos *media*, criação de um clima de medo e de perseguição sistémica e normalização do discurso anti-imigração, alcançando milhões de pessoas. Mesmo que o Chega e Ventura percam força no futuro, a base social que os sustenta continuará ativa se nada for feito para responder às suas causas profundas: “A democracia e o escrutínio público que esta ainda permite talvez consigam, a médio ou longo prazo, limitar ou pôr fim à aventura do Chega e do seu líder, beneficiando de algum desgasto do partido. Mas, tal como nos EUA o *Trump country* não desaparecerá com o fim de Donald Trump, também o país de Ventura continuará vivo depois dele, se nada se fizer” (p.733). No ensaio publicado em julho de 2025 no *The New York Times*, John Cameron Mitchell <sup>21</sup> defende que o combate a contextos pós-democráticos exige uma combinação de empatia e atitude combativa coletiva. A ascensão de líderes autoritários não resulta apenas da ação desses próprios líderes, mas também da fragmentação social provocada por uma cultura progressista que absolutizou identidades e purezas morais, contribuindo, involuntariamente, para a divisão

---

<sup>21</sup> Autor, dramaturgo e cineasta norte-americano

que facilitou o avanço de figuras como Donald Trump: “Fizemos o trabalho de Trump por ele: dividimo-nos para que ele pudesse conquistar” (p.734). Por fim, destaca-se o papel crucial do jornalismo na defesa da democracia. Recuperando a ideia de Joseph Pulitzer<sup>22</sup>, o texto afirma que a imprensa e a República só têm duas hipóteses: ou se fortalecem mutuamente ou colapsam juntas. Alimentar a polarização nas redes sociais e permanecer passivo perante a degradação do debate público é apresentado como um risco grave, sendo 2025 descrito como um momento decisivo, uma encruzilhada crítica para o futuro democrático: “Quem fica a ver, a digladiar-se nas redes e a insuflar uma polarização diabólica, cínica e mercenária, deve preparar-se para o pior. E aí 2025 será a última encruzilhada antes do fim” (p.734).

---

<sup>22</sup> Jornalista e ex-Membro da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos

## 6. CONCLUSÃO

A ascensão do partido Chega, que evoluiu de um movimento periférico em 2019 para se tornar a segunda maior força parlamentar em 2025, alcançando 22,8% dos votos e 60 deputados nas eleições legislativas de maio desse ano, representa um dos fenómenos mais marcantes da política portuguesa recente. Este avanço evidencia a erosão gradual do bipartidarismo entre PS e PSD, alimentada pelo descontentamento face às elites políticas tradicionais, pela perceção de um abismo crescente entre representantes e eleitores e pela insatisfação com a gestão de questões como imigração, segurança e corrupção. A pesquisa *Por Dentro do Chega*, de Miguel Carvalho, revela não apenas a face pública do partido, caracterizada por um discurso provocador e omnipresença digital, mas também as suas dinâmicas internas: a intensa personalização da liderança em torno de André Ventura, as contradições entre retórica anti-sistema e crescente institucionalização, as conexões com setores nostálgicos do Estado Novo, o financiamento proveniente de elites conservadoras e o uso sistemático de táticas de polarização, intimidação e desinformação. Particularmente inquietante é a capacidade demonstrada pelo Chega de conquistar o eleitorado jovem por meio de uma comunicação satírica, simplificada e de rápida disseminação nas redes sociais. Figuras como Rita Matias desempenham um papel crucial na normalização de discursos revisionistas da história portuguesa e na legitimação de narrativas antes marginais. Este processo é exacerbado pela insuficiência da literacia mediática nas novas gerações e pela escassa presença digital dos partidos tradicionais, o que contribui para uma radicalização precoce e para a banalização de discursos de ódio e de violência simbólica. Para terminar, a investigação do Chega transcende a análise de um partido isolado e oferece uma perspetiva essencial para compreender as fragilidades das democracias liberais atuais frente ao populismo digital, à fragmentação social e à erosão da confiança institucional. Mesmo que o partido enfrente um desgaste futuro, a base social que o sustenta, alimentada por desigualdades, inseguranças identitárias e desinformação, continuará a existir, a menos que as causas estruturais do descontentamento sejam abordadas. O reforço do jornalismo independente, da educação cívica e da luta contra a polarização digital destaca-se, assim, como condição crucial para a preservação da qualidade democrática em Portugal.

## 7. Referências Bibliográficas:

Atlantic Council. (2024). *Your primer on Portugal's parliamentary elections*. Atlantic Council.

<https://www.atlanticcouncil.org/content-series/eye-on-europes-elections/your-primer-on-portugals-parliamentary-elections/>

Carvalho, M. (2025). *Por dentro do Chega - A face oculta da extrema-direita em Portugal*. Objectiva. (2025)

CNN Portugal. (2024, 5 de março). *Chega é o partido com mais seguidores e mais interações nas redes sociais*.

<https://cnnportugal.iol.pt/geral/chega-e-o-partido-com-mais-seguidores-e-mais-interacoes-nas-redes-sociais/20240305/65e76735d34e87e0c08a6273>

Expresso. (2024, 8 de março). *Estudo indica que eleitores do Chega são os que mais demonstram nostalgia do Salazar e do Estado Novo*.

<https://expresso.pt/politica/eleicoes/legislativas-2024/2024-03-08-Estudo-indica-que-eleitores-do-Chega-sao-os-que-mais-demonstram-nostalgia-e-saudades-do-Salazar-e-do-Estado-Novo-eceb0f03>

Folha Nacional. (2025, 18 de junho). *Ventura mobiliza eleitores e a imigração é o principal motivo*.

<https://folhanacional.pt/2025/06/18/ventura-mobiliza-eleitores-e-principal-motivo-e-a-imigracao/>

Fundación Disenso. (s.d.). *O grito nacional: O surgimento do partido Chega*.

<https://fundaciondisenso.org/o-grito-nacional-o-surgimento-do-partido-chega/>

Jornal de Negócios. (2024). *Chega pode passar a segundo maior partido com votos da emigração*.

<https://www.jornaldenegocios.pt/economia/detalhe/chega-pode-passar-a-segundo-maior-partido-com-votos-da-emigracao>

Partido Chega. (s.d.). *Programa político*.  
[https://partidochega.pt/index.php/programa\\_politico/](https://partidochega.pt/index.php/programa_politico/)

Partido Chega. (2025, 19 de maio). *O Chega tornou-se nestas eleições o segundo maior partido*.

<https://partidochega.pt/index.php/2025/05/19/o-chega-tornou-se-nestas-eleicoes-o-segundo-maior-partido/>

Portugal.com. (2024). *Portugal's political map has changed: The rise of the far right and the current state of the parties*.

<https://www.portugal.com/history-and-culture/portugals-political-map-has-changed-the-rise-of-the-far-right-and-the-current-state-of-the-parties/>

Rádio Renascença. (2020, 4 de abril). *Chega: As mil e uma polémicas de André Ventura na política*.

<https://rr.pt/especial/pais/2020/04/04/chega-as-mil-e-uma-polemicas-de-andre-ventura-na-politica/188048/>

The Portugal News. (2024, 12 de março). *Algarve Chega results symptom of voter frustration*.

<https://www.theportugalnews.com/news/2024-03-12/algarve-chega-results-symptom-of-voter-frustration/86843>

